

“TRANCADO NO ARMÁRIO”: A OMISSÃO DA SEXUALIDADE POR QUESTÕES FAMILIARES

¹Ana Lúcia Rodrigues de Barros (Mestre); Alessa Lanes Corrêa (Graduanda); Arthur de Mello Gonçalves (Graduando); Myrella Monteiro Chaves (Graduanda); Patrícia Viana Costa (Mestre); Enoghalliton de Abreu Arruda (Mestre); Adriana Chaves de Oliveira Ruback (Mestre); Leonardo da Costa Bifano (Mestre).

Resumo: Neste presente trabalho é abordado a sexualidade, onde escolhe-se como tema um assunto bem restrito que é a homossexualidade questionando as razões do indivíduo homossexual omitir sua sexualidade por uma questão familiar sabendo que muitas das vezes a recepção social não é agradável, tendo em vista o preconceito, e devido a isso, o indivíduo entra em conflito interno. Este estudo tem como objetivo abordar a análise, os fatores e as condições que levam a essa decisão apontando o papel do psicólogo nessa situação e o que deve ser feito tanto na autoaceitação, quanto também na aceitação familiar. Para tanto realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico de base qualitativa considerando as contribuições de pesquisadores, cujas obras são apropriadas para este estudo. Conclui-se, no entanto, que a família tem muita influência para a omissão da sexualidade do indivíduo e que o psicólogo é um grande suporte para que o paciente (homossexual) possa progredir nesta questão superando conflitos.

Palavras-Chave: Homossexualidade, Família, Psicologia, Preconceito.

Transfer In The Cabinet: The Omission Of Sexuality By Family Issues

Abstract: In this present work is approached the sexuality, where it is chosen as theme a very restricted subject that is the homosexuality questioning the reasons of the individual homosexual omit his sexuality by a familiar matter knowing that many times the social reception is not pleasant, having in view of prejudice, and because of this, the individual enters into internal conflict. This study aims to address the analysis, factors and conditions that lead to this decision pointing to the role of the psychologist in this situation and what must be done both in self acceptance and also in family acceptance. For this, a qualitative bibliographical research was carried out considering the contributions of researchers, whose works are appropriate for this study. It is concluded, however, that the family has much influence for the omission of the sexuality of the individual and that the psychologist is a great support for the patient (homosexual) to progress in this issue overcoming conflicts.

Key words: Homosexuality, Family, Psychology, Prejudice.

¹ Psicóloga, Mestre em Cognição e Linguagem. Contato: analuciabarrospsi@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ao abordar a sexualidade caminha-se por um tema bem complexo e bastante polêmico, uma vez que ainda é considerado um tabu. Porém o mais curioso é esse tema ainda ser restrito no ambiente familiar, uma vez que a sociedade tem se mostrado mais precoce diante ao assunto, o que faz o indivíduo ao se identificar sexualmente não se sentir à vontade em discutir com sua própria família.

Ao mencionar tal discussão, com o indivíduo homossexual, nota-se inúmeras reações que variam entre positivas e negativas. Trazendo o medo por questões de aceitação familiar e pessoal; rejeição moral e religiosa. Observando-se tais situações depara-se com a questão: Em quais pontos a família influencia na omissão da sexualidade do indivíduo?

A presente pesquisa aborda a ação de analisar o indivíduo a respeito da omissão sexual. Na qual, investiga-se os principais fatores de tal omissão, discutindo o comportamento tanto do indivíduo, quanto família e assim induzindo à reflexão pertinente à tese.

A linha metodológica é de cunho qualitativo fundamentado na pesquisa bibliográfica selecionando leitura de artigos e livros, para que, por fim possa encontrar uma conclusão. Autores como Cecarelli e Franco; Rodrigues e Lima; Nunan; são grandes autores que contribuíram para a realização do trabalho. Divide-se a pesquisa em capítulos para abordar a homossexualidade em um ponto de vista histórico, psicológico e familiar sócio cultural. O primeiro aborda a homossexualidade de forma cronológica, em seguida mostra a visão da psicologia e como o psicólogo deve atuar em relação a homossexualidade. E o último capítulo mostra a posição da família em relação a homossexualidade e por quais razões o indivíduo homossexual omite sua sexualidade. Por fim, segue-se as considerações finais a respeito da razão a qual muitas das vezes a homossexualidade é omitida e a posição do psicólogo a respeito disso.

O CONTEXTO HISTÓRICO DA HOMOSSEXUALIDADE NO MUNDO E NO BRASIL

Muito se questiona sobre a origem, se de fato, por tal comportamento, isso tende a ser uma “moda” ou até mesmo uma fase, em que a sociedade em que vivemos, acredita que vai passar. Mas é visível que não é de hoje que se é questionado a existência da homossexualidade (CECCARELLI; FRANCO, 2010).

A homossexualidade se faz presente desde os tempos antes de Cristo e traz consigo várias vertentes, onde é discutido se pode ser considerado como doença, por desenvolver um desvio comportamental; ou biogenético devido ao desenvolvimento ainda no útero materno. Apesar dessa visão, esse comportamento é muito visível e um tanto natural no reino animal em que esses seres se relacionam homossexualmente entre si.

Rodrigues e Lima (2008, s/p) apontam que ao longo da história, é essencial notar que a existência da homossexualidade está em um contexto descritivo de várias décadas:

As tribos das ilhas de Nova Guiné, Fiji e Salomão, no oceano Pacífico, cerca de 10 mil anos atrás já exercitavam algumas formas de homossexualidade ritual. Os melanésios acreditavam que o conhecimento sagrado só poderia ser transmitido por meio do coito entre duplas do mesmo sexo. No rito, um homem travestido representava um espírito dotado de grande alegria – e seus trejeitos não eram muito diferentes dos de um show de drag queens atual.

Dentro desse tema, depara-se com inúmeras práticas desde a antiguidade até os tempos atuais. Podemos analisar o fato de que na Grécia Antiga a relação entre dois homens, um provento de mais idade e outro mais jovem, era completamente normal. E em Roma, assim como na Grécia, o conceito dessa relação era equivalente, considerando assim um sentimento puro (FOUCAULT, 2001).

Outro caso, é a poetisa Safo (ícone grego) originária da ilha de Lesbos, onde se tem escritos em torno de poemas que descrevem a atração sexual por outras mulheres, porém, em Roma, nota-se uma posição machista, onde a mulher não

poderia “fugir” do seu papel como mãe e esposa. Já nas províncias com influências gregas, a lesbianidade não era visto tão negativamente.

O filósofo grego Sócrates afirmava que a prática sexual homossexual era uma das melhores formas de inspiração, se fazendo assim um adepto do amor homossexual, enquanto a heterossexual servia apenas para a procriação, e assim, com essa última afirmação, esbarra-se na visão cristã (ULLMANN, 2007).

Para a educação dos jovens atenienses, esperava-se que os adolescentes aceitassem a amizade e os laços de amor com homens mais velhos, para absorver suas virtudes e seus conhecimentos de filosofia. Após os 12 anos, desde que o garoto concordasse, transformava-se em um parceiro passivo até por volta dos 18 anos, com a aprovação de sua família. Normalmente, aos 25 tornava-se um homem – e aí esperava-se que assumisse o papel ativo (RODRIGUES; LIMA, 2008, s/p).

Em vista disso, a igreja, mais precisamente no século XVIII, apresenta a visão de que tal ato (relação homossexual) fosse um pecado contra as ordens naturais, ou seja, algo que lesava a procriação da humanidade, pelo fato do ser “homem” ter sido criado justamente para prática da reprodução. Dependendo assim, o homem-mulher e vice-versa. “A prática sexual com pessoa do mesmo sexo é significada como problemática, situação que leva à intensificação do vínculo religioso na busca da cura no âmbito da sexualidade” (NATIVIDADE, 2005, p. 254).

Antes mesmo do século XVIII, não só os homossexuais eram vistos como sodomitas, mas sim qualquer relação sexual que fosse considerada fora dos padrões estipulados pela igreja, incluindo os heterossexuais. A sodomia era um dos pecados mais graves pela igreja, considerada como algo abominável.

Em consequência no contexto atual, algumas igrejas já conjecturam a ideia de a homossexualidade não ser considerada uma patologia.

O Protestantismo dos dias atuais mudou a sua posição clássica a respeito da homossexualidade. Muitas de suas igrejas já aceitam homossexuais como membros comungantes, sacerdotes (pastores) e ministros leigos. Algumas igrejas também já celebram a união matrimonial (religiosa) entre pessoas do mesmo sexo. Essas transformações apontam claramente para uma abertura sem precedentes na história do Protestantismo em relação aos homossexuais, pois eles estão sendo incluídos na vida normal de muitas igrejas sem a necessidade de reorientar sua opção sexual à heterossexualidade. Esta é uma mudança significativa, pois historicamente o Protestantismo só incluiu homossexuais por meio da conversão, exigindo a rejeição e da orientação e prática homossexual (BARRETO; FILHO, 2012, s/p).

Porém, nem todos os líderes religiosos são adeptos desta ideia. Uns ainda acreditam que a homossexualidade é uma doença e apostam que há uma cura, tal pensamento que incentivou os movimentos a favor dos direitos homossexuais a obterem vozes em busca de algo que fosse relevante aos seus ideais (MARTINS; LEITE; PORTO; NETO, 2014, p.163).

O Brasil se tornou um dos países que mais matam homossexuais e provenientes de seu movimento. O propósito desses assassinatos tem como objetivo a busca da extinção dos seres classificados homossexuais, em busca da “normalidade social”, considerando-os como marginais. Muitos influentes religiosos e políticos são adeptos desta ideia de extinção (MOTT, 1996, p. 103).

Embora, infelizmente, tortura, assassinatos e chacinas venham ocorrendo no Brasil com preocupante frequência e impunidade, conforme tem sido divulgado pela mídia mundial, a violência contra os homossexuais brasileiros assume proporções ainda mais chocantes, havendo lastimavelmente um hediondo complô do silêncio contra sua divulgação. Enquanto matança de meninos de rua, índios, favelados e presidiários recebe justa repulsa internacional, os mesmos defensores dos direitos humanos ignoram ou se calam perante os assassinatos de gays e lésbicas.

Entendendo, portanto, que desde os tempos antigos até os atuais, a homossexualidade está em evidente. Não é de hoje e que esta ideia chega a ser um percalço para a sociedade aceitar sua existência. E que ainda se tem em mente que é algo que precisa ser estudado e comentado por toda a humanidade. O fato é que desde os tempos antigos, há dificuldades em aceitar isso como algo natural do ser humano.

A Homossexualidade Nas Interfaces Da Psicologia: Da Antiguidade Ao Mundo Contemporâneo

Nesse capítulo será abordado a ênfase a visão da psicologia sobre a homossexualidade desde a visão da psicologia antiga até a moderna, considerando opiniões de profissionais da área desde os tempos antigos até atuais.

Influenciado pelos tempos antigos, a atualidade busca quebrar o estigma social em que a homossexualidade é considerada uma patologia mental, afinal para muitos da época, ser considerado uma desordem comportamental e/ou genética.

Em concepção da psicologia Freudiana, Freud mantinha uma posição sustentável de que a homossexualidade não era para ser considerada uma patologia e sim uma manifestação sexual. Porém, ele buscava visar menos no problema que a orientação sexual em si causava para a sociedade (FREUD, 1976b, p. 211).

Segundo Ceccarelli e Franco (2010), a psiquiatria clássica considerava o homossexual como um ser perverso. Devido ao estereótipo do homem afeminado e que este traço influenciara na atração que o homem sentia por alguém do mesmo sexo.

Rodrigues e Lima (2008, s/p) menciona que quando Antônio Egna Moniz criou a lobotomia, o indivíduo homossexual, naquele tempo considerado doente, participava deste tratamento porque a homossexualidade era vista como um defeito genético. Até 1981, milhares de gays foram lobotomizados, em boa parte da Europa.

Para Fry e MacRae (1991, p.72), esta “cura” era um eufemismo para punição:

Isto é evidente no "tratamento" através da lobotomia, castração, etc... a que são submetidos homossexuais deitados em certas prisões e manicômios, especialmente nos Estados Unidos. E na lei espanhola que, considerando os homossexuais um "perigo social", condena os homossexuais ao internamento em pretensos "centros de cura" que são meras penitenciárias. De fato, parece que na maior parte do tempo aqueles que dizem "curar" os homossexuais estão mais interessados em colocá-los fora de circulação, não se importando com a natureza dos meios que usam para diminuir a sua possibilidade de "prejudicar a sociedade.

A Psicologia respaldou comentários sobre a homossexualidade, visando problemas em tratamentos para “curar” a homossexualidade que não tinham solução. Em 1987, Havelock Ellis publicou seu livro “Inversão Sexual”, em que ele defendia a ideia que a homossexualidade era congênita e hereditária. Sobretudo, em 1979, a homossexualidade não era mais considerada uma patologia para a Associação Americana de Psiquiatria (RODRIGUES; LIMA, 2008, s/p).

Quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) revogou que a homossexualidade não era mais uma patologia, não só a sociedade, mas também alguns psicoterapeutas que eram convictos a essa ideologia, não estagnaram sobre tal preconceito. O psicólogo Daniel Matias (2007, s/p) aponta que a psicologia é um lugar de transformação, sem julgamentos e que todo o fundamentalismo que foi colocado deve ser colocado como segundo plano.

Deste modo, atualmente a psicologia afigura-se como lugar de transformação em que são rejeitados os mitos baseados em fundamentalismos e se acolhe a realidade plural. É urgente e necessária a discussão sobre esta e outras temáticas, que em grande parte das vezes são relegadas para segundo plano ou que não, radicalmente, abordadas. São colocados, à psicologia, os desafios de se atualizar e de abandonar as suas concepções sobre determinadas realidades, reconhecendo, deste modo, aquilo que nos deve mover enquanto psicólogos: o respeito e o apreço pela diversidade.

No Brasil, no final do Século XX, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) colocou em prática uma ementa que estabelece as normas de atuação em relação a orientação sexual dos pacientes. Constituindo então, ainda mais a decisão da OMS de que a homossexualidade não era uma patologia.

Mesmo assim, a psicologia ainda luta para manter essa posição, ainda que muitos profissionais não sejam adeptos a esta ideia. Em 2017, foi aprovado pela justiça, uma liminar que libera que os psicólogos possam tratar homossexuais em busca de uma (re) orientação sexual.

Considera-se que o psicólogo, enquanto pertencente e participante de uma categoria profissional terapêutica, deve tratar a homossexualidade sem nenhuma prática discriminatória, suas ações profissionais no decorrer da sua formação que se inicia na universidade, nos cursos de psicologia, especializações e práticas supervisionadas norteiam o fazer clínico terapêutico. Na prática, o psicólogo trata o paciente proporcionando meios de integração de forma a ampliar o autodomínio do mesmo, pois tudo que se lida de forma exclusora (que não seja aceito pela sociedade em sua maioria) é considerado desvio de conduta ou patologia clínica. (BRASIL, 1999)

A escuta é o instrumento primordial da clínica psicológica, essa escuta vai além do sentido orgânico da audição, ela gera um sentido compartilhado de quem fala e de quem ouve, portanto, compreender as angustias, os medos, as necessidades de aceitação de cada paciente são primordiais na prática psicológica.

O psicólogo não atende um homossexual, ele atende pessoas, pessoas com histórias de vida. Não se pode trabalhar com o conceito certo ou errado, mas sim buscar o que o paciente sente com relação a tudo que ouve, as suas emoções, os seus conflitos e emoções e é importante ressaltar que existe uma família por trás de tudo isso.

Em suma, o trabalho do psicólogo frente a homossexualidade deve seguir com ética e imparcialidade.

As Relações Familiares Frente a Homossexualidade

Neste capítulo aborda-se o homossexual e a família, a posição da família em relação a homossexualidade, as razões que levam o indivíduo homossexual a esconder sua sexualidade para a família e como a psicologia age diante a isso.

A sexualidade faz parte do indivíduo, sendo então um fator importante no desenvolvimento da personalidade humana. De certa forma, esses fatores se constituem devido ao equilíbrio emocional e a manifestações de sentimentos que

dependem de cada fator da evolução sexual que ocorre nas etapas da infância à adolescência. A sexualidade influencia no caráter afetivo, amoroso e cultural (COSTA; LOPES; SOUZA; PATEL, 2001, p.217-218).

Quando o ser humano chega na adolescência, nota-se grande amplitude desenvolvida na formação humana, o que leva a ele notar que a transição é muito mais difícil do que parece ser.

Na adolescência, a vivência da sexualidade é como um caminho no qual a evolução e a maturidade vão determinar o itinerário. A expressão da sexualidade nessa fase se dá de diferentes formas. A primeira é a repressão do próprio impulso, principalmente se os primeiros contatos forem frustrantes. Outra atitude frente ao ato sexual é aceitar, mesmo sem envolvimento afetivo, talvez essa seja a forma de expressão mais frequente na adolescência inicial e intermediária. A preferência sexual com afeto é o posicionamento que demonstra postura mais integrada frente à sexualidade, escolha esta que se encontra subsidiada pelas vivências que cada adolescente enfrenta ao longo de sua vida, sejam elas sexuais, ou não, e que são socialmente rotuladas de atitudes amadurecidas (COSTA; LOPES; SOUZA; PATEL, 2001, p.219).

É a partir daí, que o ser humano irá descobrir seus interesses sexuais e como isso irá influenciar na libido. Complementando-se diante disso, se o indivíduo for patente a homossexualidade, ele passa por diversos conflitos que são marcados pelo conceito marginalizado ligado a isso, devido a influência sócio histórica. E ele fica marcado pelo pensamento conflitante da rejeição, não só pela sociedade, mas o pilar principal: a família.

A angústia que surge quando o sujeito se descobre homossexual não vem, necessariamente, da descoberta em si, mas da consciência de que ele sofrerá rejeição. Assim, pode-se dizer que a aprendizagem do encobrimento constitui uma fase importante da socialização do homossexual, e um ponto crítico em seu desenvolvimento. Em determinado momento o indivíduo pode vir a sentir que o encobrimento não é mais necessário, pois ele se aceita e se respeita, não havendo, portanto, necessidade de esconder o estigma. Depois de um trabalhoso aprendizado de encobrimento, o homossexual pode finalmente começar a desaprendê-lo, ao passo em que decide revelar-se voluntariamente a outras pessoas (NUNAN, 2015, p.69).

Seguindo a ideia da autora supracitada, o receio de uma família ter um membro homossexual no seu ambiente é constante, diante ao contexto sócio histórico que vem a anos propagando o preconceito sobre tal fato. Cada família tem uma concepção distinta de lidar com esse assunto, uns falam abertamente, outros lidam como tabu. Porém, quando o ambiente familiar é conservador, a omissão homossexual é um dos caminhos mais percorridos para os jovens, devido a ideologia ser forte e presente nos diálogos familiares, percebe-se que a aceitação é pouco provável, o que faz o conflito ser maior.

A família nuclear – pai, mãe, filhos – é a base do nosso conceito de família, a famosa “Família Tradicional”. Com ela temos regras que foram criadas antes mesmo de nascermos e uma dessas regras é a de que todos devem ser heterossexuais e assim sentindo-se atraído afetivamente e sexualmente por pessoas do sexo oposto.

Araújo (2017) acredita que a informação sobre o assunto é um dos principais objetivos para que a família constitua a sua harmonia.

A boa educação fala em diálogo. A primeira atitude que os pais de filhos homossexuais devem ter é buscar informação. A intransigência não leva a nada, muito menos fingir que nada está acontecendo. Os pais devem se esforçar, se desprender dos estereótipos e das próprias limitações sobre o tema. Uma atitude severa ou a falta de atitude não correspondem à maturidade, e maturidade é o que os pais devem buscar, se o objetivo é chegar à harmonia familiar!

A partir disso, sabe-se que o homossexual escolhe entre contar ou não para a família sobre sua sexualidade, uma vez que isto é direito dele. Porém a presença de um apoio familiar é essencial para o desenvolvimento de sua personalidade e caráter.

Observa-se que a família espera muito do seu membro familiar, principalmente os pais com os filhos, o que faz com que o conflito seja maior, devido a crença de que isso é apenas um problema que precisa ser resolvido (SARTI, 2004, p.22).

A família busca sempre negar que o problema não é com ela e sim com o membro em que acusa um problema o que resulta numa falta de comunicação e compreensão.

Soa como um dito popular a ideia de que os pais são os primeiros a ficar sabendo, contudo, os últimos a aceitarem a homossexualidade de seus filhos. Com efeito, esta convenção cultural não está tão descolada da realidade quanto poderíamos supor. Afinal, são os pais que ao longo dos anos se responsabilizam pela socialização dos mais jovens. São eles que observam atentamente os comportamentos – se eles correspondem ou não ao gênero ao qual pertencem (SOLIVA; JUNIOR, 2014, p.133).

Tendo em vista a escolha da omissão, o homossexual encarrega-se de manter a “política do armário”. Sedgwick (2007, p.5) comenta sobre isso em sua pesquisa motivos que levam a pessoa omitir sua sexualidade.

Uma reflexão que careça dessa organização utópica arriscará exaltar o próprio armário, ainda que apenas por omissão; arriscará apresentar como inevitáveis ou válidas, de alguma forma, suas exigências, deformações, a impotência que causa a pura e simples dor. Se vale a pena correr os riscos, é, em parte, porque as tradições não utópicas da escrita, do pensamento e da cultura gays continuaram produtivas para os pensadores gays posteriores de forma inexaurível e esplendorosa, na falta de uma leitura racionalizante ou mesmo generosa de sua política.

O “armário” é um símbolo social LGBT presente que significa a omissão que é considerada algo complexo, seguido do ambiente social onde o homossexual se constitui. Porém, a segurança do “armário” muitas das vezes chega a ser perturbadora e o homossexual que utiliza deste recurso muitas vezes não consegue lidar mentalmente com essa política.

A omissão da homossexualidade em relação com a família, muitas das vezes, segue ao fato de evitar algo que cause constrangimento ou agrida a sua dignidade, há um certo desvio quando se toca no assunto e esse desvio vem de ambos os lados para que se evite tal reação após um suposto diálogo.

As tentativas de evitar essa revelação são fundamentadas no medo da rejeição familiar e social – consequência imediata do ato de “assumir-se”. Tendo tais receios como pano de fundo, a esses jovens são dirigidas inúmeras perguntas em forma de queixas, que começam a ser formuladas diante da certeza de que algo está “errado”. A percepção de que alguma coisa está faltando é a principal marca dessas interpelações. Perguntas como: Cadê a namorada? Quando você vai namorar? Quando você vai me dar netos? Estas são algumas das queixas que emergem perante o fato incontornável de que o roteiro de vida desse jovem não corresponde àquele de um jovem heterossexual. Estas perguntas tornam-se tão mais coercitivas quanto mais os jovens se esquivam da trajetória que lhe é imposta (SOLIVA; JUNIOR, 2014, p.134).

Seguindo desta ideia, nota-se também que há estratégias para que essa omissão seja reforçada, a ponto do indivíduo homossexual a fim de despistar o foco familiar da sua homossexualidade, um grande exemplo disso é ele assumir um relacionamento heteroafetivo para que não só os comentários sobre a sua sexualidade sejam cessados, mas também para dá prestígio a família.

A psicologia, conforme citada no capítulo anterior, não vê a homossexualidade como uma doença ou problema, o que é diferente da visão daquele que se descobre homossexual.

Ainda assim, depara-se com jovens ainda em processo de aceitação e em muitos casos ainda é difícil: “Jovem (13 anos) – *Edith, por favor, me ajuda a ser hétero? Não sei como dizer para minha mãe uma coisa dessas... (17/01/2017)*” (MODESTO, 2017, s/p).

A fala acima citada, entre vários aspectos, derruba a crença de que a homossexualidade é uma “opção”, uma escolha e assim como a heterossexualidade, que ela seja uma característica.

Obviamente, obter-se a aprovação dos pais ou de um grupo para o comportamento homossexual não é tarefa fácil. Em se tratando dos familiares – em especial o genitor do sexo masculino, quando se trata de um rapaz – o sofrimento costuma vir acompanhado de perplexidade, revolta, pouca aceitação e muita dor. Portanto, o profissional deve evitar confrontar-se com sentimentos da família. É necessário ter sabedoria para conduzir os primeiros momentos da descoberta da homossexualidade, até que haja respeito de todos e aceitação do(a) próprio(a) adolescente (COSTA; LOPES; SOUZA; PATEL, 2001, p.220).

Seguindo disso, o psicólogo deve levar ao paciente (homossexual) na busca do bem-estar para que ele consiga estabelecer um progresso para a aceitação e não se comprometer que haverá uma cura para o “problema”.

Portanto, considera-se que o homossexual tem suas justificativas para querer omitir sua sexualidade para a sua família, caso ela não seja estabelecida para esse assunto. É notável que o contexto sócio-histórico são bastantes influentes nesse quesito. Cabe ao indivíduo querer ou não continuar com isso, o que a psicologia deve fazer é jamais julgar o cenário em que ele habita e sim leva-lo a reflexão se aquilo é bom para ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a família tem sim uma grande influência para a omissão da sexualidade do indivíduo, fazendo com que ele crie assim um leque de incertezas, em razão que o contexto sócio-histórico empodera esse estigma que a homossexualidade é uma doença, quando na verdade não é.

Desse modo, inúmeros questionamentos o percorrem e o assombram com tamanha intensidade produzindo uma indecisão, dificultando ainda seu processo de auto-aceitação.

O psicólogo abre um espaço para que o paciente possa sentir conforto em abordar um assunto que é importante, mas ao mesmo tempo íntimo e leva-lo a refletir sobre a omissão além de uma causa familiar.

O contato entre psicólogo-paciente homossexual deve ser relatado sem julgamento e com muita cautela, uma vez que ele está lidando com questões pessoais que para ele são muito fortes e impossíveis de serem solucionadas e o profissional tendo assim, um papel essencial nesse processo de “aceitação” tanto pessoal quanto familiar. O psicólogo deve se despir de qualquer preconceito que por ventura possua, para conseguir compreender verdadeiramente o paciente e todas as suas nuances. Para isso, o psicólogo pode usar abordagens distintas para trabalhar com o paciente para que ele consiga encontrar a comodidade necessária para a

realização de um diálogo com a família e pessoas próximas a ele. O trabalho também pode ser estendido aos familiares, seja em encontros separados, ou com o paciente presente, dependendo da demanda trazida para a terapia.

Podemos observar que ao longo da história, a homossexualidade foi vista de diversas maneiras, e embora tenhamos evoluído no sentido de deixar de vê-la como “doença”, ainda lidamos com uma série de preconceitos que acabam por dificultar o indivíduo a aceitar a si mesmo.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, E.C. O homossexual na família. **Rev enferm UFPE online.**, Recife, 11(esp), fev., 2017

BARRETO, M.C.R.; FILHO, J.E.O. **A inclusão de homossexuais no protestantismo.** Disponível em: <<https://rbhcs.emnuvens.com.br/rbhcs/article/view/160>> Acesso em 05 de Setembro de 2017.

BRASIL, **Conselho Federal de Psicologia.** Disponível em <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf> Acesso em 01 de Outubro de 2017

CECARELLI, P.R.; FRANCO S. **Homossexualidade: Verdades e Mitos.** Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2315>>. Acesso em 02 de setembro de 2017.

COSTA C.O.M; LOPES C.P.A.; SOUZA R.P.; PATEL B.N. **Sexualidade na adolescência desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção.** J Ped 2001; 77(supl 2): 217-24.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I – a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FRY, P. & MACRAE, E. 1991. **O que é homossexualidade?** Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense. 125 p.

MATIAS, D. **Psicologia e orientação sexual: Realidades em transformação.** Instituto Superior de Psicologia Aplicada: Lisboa, PT. 2007

MARTINS E.S.T.; LEITE R.L.; PORTO T.S.; NETTO O.F.L. **Psicanálise e homossexualidade – da apropriação à desapropriação médico-moral** Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062014000100013>. Acesso em 05 de setembro de 2017.

MODESTO, E. **Os homossexuais, a família e a igreja**. Disponível em: <<http://domtotal.com/noticia/1136581/2017/04/os-homossexuais-a-familia-e-a-igreja/>>. Acesso em 28 de Outubro de 2017

MOTT, L. **Homossexuais: as vítimas principais da violência**. In: Velho, G. e Alvito, M. (Orgs). Cidadania e violência. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ e FGV-RJ, 1996.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade masculina e experiência religiosa Pentecostal. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

NUNAN, A. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

RODRIGUES, H.; LIMA, C.C. **Vale Tudo: Homossexualidade na antiguidade**. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/vale-tudo-homossexualidade-na-antiguidade/>>. Acesso em 02 de setembro de 2017.

SARTI, C. 2004. **“A família como ordem simbólica”**. Psicologia USP, São Paulo. Vol. 15, nº 3, p. 11-28.

SEDGWICK, E. K. 2007. **“A epistemologia do armário”**. Cadernos Pagu, Campinas. Jan.-jun. 2007. Nº 28, 19-54.

ULLMANN R. A. **Amor e Sexo na Grécia Antiga**. Edipucrs: Porto Alegre. RS, 2007.